

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

ABRIL DE 1863

Nº 4

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(Quarto artigo)¹⁰

Numa segunda edição de sua brochura sobre a epidemia de Morzine¹¹, o Dr. Constant responde ao Sr. de Mirville, que criticou o seu cepticismo relativo aos demônios e o censurou por não ter estado nos lugares. “É certo que ele se deteve em Thonon; não, porém, por temer os diabos, mas o caminho; mas nem por isso se julga o homem menos informado. Censura-me ainda, como a outro médico, por ter partido de Paris com juízo já formado. Com todo o direito, se me permite, posso devolver-lhe a censura: neste ponto estaremos, então, *ex oequo*.”

Não sabemos se o Sr. de Mirville teria ido lá com a firme predisposição de não ver absolutamente nenhuma afecção física nos doentes de Morzine, mas é bem evidente que o Dr. Constant lá foi com a de não ver nenhuma causa oculta. O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um

10 Vide os números de dezembro de 1862, janeiro e fevereiro de 1863.

11 Brochura in-8, Livraria de Adrien Delahaye, place de l'École-de-Médecine. Preço: 2 fr.

observador, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é o meio de chegar à verdade. A opinião inflexível do Dr. Constant, no que respeita à negação das causas ocultas, ressalta que ele, *a priori*, repele como errônea toda observação e toda conclusão que se afastem de sua maneira de ver, nos relatórios feitos antes do seu. Assim, enquanto o Dr. Constant insiste sobre a constituição débil, linfática e raquítica dos habitantes, a insalubridade da região, a má qualidade e a insuficiência da alimentação, o Dr. Arthaud, médico-chefe dos alienados de Lyon, que foi enviado a Morzine, diz em seu relatório “que a constituição dos habitantes é boa e os escrofulosos são raros; não obstante *todas as suas pesquisas*, apenas descobriu um caso de epilepsia e um de imbecilidade.” Mas, replica o Dr. Constant, “o Dr. Arthaud só passou alguns dias na região; assim, não pôde ver senão pequena parte da população; além disso, é muito difícil obter informações sobre as famílias.”

Um outro relatório assim se exprime sobre o mesmo assunto:

Nós, abaixo assinados, declaramos que tendo ouvido falar dos casos extraordinários, levados à conta de possessão de demônios, e ocorridos em Morzine, transportamo-nos para aquela paróquia¹², onde chegamos em 30 de setembro último (1857), para testemunhar o que se passava e examinar tudo com maturidade e prudência, esclarecendo-nos por todos os meios fornecidos pela presença no lugar, a fim de poder formar um juízo razoável em semelhante matéria.

“1^o – Vimos oito jovens que estão libertas e cinco em estado de crise; a mais moça tem dez anos e a mais velha, vinte e dois.

12 N. do T.: A palavra *paróquia* (paroisse) não deve ser aqui entendida na sua acepção ordinária, de “circunscrição eclesiástica”, mas como “unidade administrativa rural do Antigo Regime (*Ancien Régime*) francês.”

“2^o – Conforme tudo quanto nos dizem e que podemos observar, essas jovens estão em perfeito estado de saúde; fazem todas as obras e trabalhos que reclamam sua posição, de sorte que não se vê, quanto aos outros hábitos e ocupações, nenhuma diferença entre elas e as demais moçoilas da montanha.

“3^o – Vimos estas moças, as não curadas, nos momentos de lucidez. Ora, podemos assegurar que nada foi observado nelas, seja idiotia, seja predisposição para as crises atuais, por falhas de caráter ou por exaltação de espírito. Aplicamos a mesma observação às que são curadas. Todas as pessoas que consultamos sobre os antecedentes e os primeiros anos dessas moças nos garantiram que elas estavam, no que respeita à inteligência, no mais perfeito estado.

“4^o – O maior número destas moças pertence a famílias honestas e abastadas.

“5^o – Asseguramos que pertencem a famílias que gozam de boa reputação, entre as quais existem algumas cuja virtude e piedade são exemplares.”

Daqui a pouco daremos a continuação deste relatório, relativamente a certos fatos. Queríamos apenas constatar que nem todos viram as coisas sob cores tão negras quanto o Dr. Constant, que representa os habitantes como vivendo na extrema miséria, e dos mais cabeçudos, obstinados e mentirosos, embora no fundo fossem bons e, sobretudo, piedosos, ou, antes, devotos. Ora, quem tem razão? Somente o Dr. Constant, ou vários outros, não menos honrados, que certificam ter bem observado? De nossa parte não vacilamos em nos colocar ao lado dos últimos, em razão daquilo que vimos e do que nos disseram várias autoridades médicas e administrativas da região, e a manter a opinião emitida em nossos artigos precedentes.

Para nós a causa primeira não está na constituição, nem no regime higiênico dos habitantes, porquanto, como fizemos notar, há muitas regiões, a começar pelo Valais limítrofe, em que as

condições de toda natureza, morais e outras, são infinitamente mais desfavoráveis e onde, entretanto, não se alastra essa doença. Daqui a pouco nós a veremos circunscrita, não ao vale, mas apenas aos limites da comuna de Morzine¹³. Se, como afirma o Dr. Constant, a causa fosse inerente à localidade, ao gênero de vida e à inferioridade moral dos habitantes, perguntamos, ainda, por que o efeito é epidêmico e não endêmico, como o bócio e o cretinismo no Valais? Por que as epidemias do mesmo gênero, de que fala a História, se produzem nas casas religiosas onde nada falta e que se encontram nas melhores condições de salubridade?

Não obstante, eis o quadro que o Dr. Constant faz do caráter dos habitantes de Morzine:

“Uma estada prolongada, visitas sucessivas e diárias mais ou menos em cada casa, permitiram-me chegar a outras constatações.

“Os habitantes de Morzine são afáveis, honestos, de grande piedade; talvez fosse mais acertado dizer de grande devoção.

“São obstinados e dificilmente renunciam a uma idéia que adotaram, o que, além de outros inconvenientes, acrescenta o de os tornarem litigantes, outra fonte de mal-estar e de miséria, porque as condições não são fáceis. Mas só muito raramente a justiça criminal encontra culpados entre eles.

“Têm um semblante grave e sério, que parece um reflexo da natureza áspera que os rodeia e que lhes imprime uma espécie de marca particular, que os faria ser tomados por membros de uma vasta comunidade religiosa. Com efeito, sua existência pouco difere da de um convento.

13 N. do T.: A grafia correta é Morzine, e não *Morzines*, como muitas vezes aparece no texto original.

“Seriam inteligentes, se seu raciocínio não fosse obscurecido por uma profusão de crenças absurdas ou exageradas, por um invencível arrastamento para o maravilhoso, legado pelos séculos passados e ainda não curado no século atual.

“Todos gostam de contos e histórias impossíveis. Conquanto honestos por natureza, alguns mentem com imperturbável altivez, para sustentar o que disseram no gênero. Estou convencido de que eles acabam mentindo de boa-fé, por crerem nas próprias mentiras e nas dos outros. Para ser justo, é preciso dizer que a maioria não mente, limitando-se a contar vagamente o que viu.”

Aos nossos olhos, a causa é independente das condições físicas dos homens e das coisas. Se manifestamos tal opinião, não é com a idéia preconcebida de ver por toda parte a ação dos Espíritos, já que ninguém admite sua intervenção com mais reserva que nós, mas por uma analogia que notamos entre certos efeitos e os que nos são demonstrados como resultado evidente de uma causa oculta. Mas, ainda uma vez, como admitir essa causa quando não se crê na existência dos Espíritos? Como admitir, com Raspail, as afecções produzidas por seres microscópicos, se se nega a existência de tais animálculos, porque não foram vistos? Antes da invenção do microscópio, Raspail teria passado por louco, por ver animais em toda parte; hoje, que se está muito mais esclarecido, não se vêem Espíritos. Para isso, no entanto, só falta pôr óculos.

Não negamos que haja efeitos patológicos na afecção de que se cuida, porque a experiência no-los mostra muitas vezes em casos semelhantes; mas dizemos que são consecutivos e não causais. Se um médico espírita tivesse sido enviado a Morzine, teria visto o que outros não viram, sem, por isso, negligenciar os fatos fisiológicos.

Depois de haver falado do Sr. de Mirville que, diz ele, se deteve no caminho, acrescenta o Dr. Constant:

“O Sr. Allan Kardec fez a viagem completa. Nos números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863 da sua *Revista Espírita*, já publicou dois artigos, que não passam de preliminares; o exame dos fatos virá no número de fevereiro. Entretanto, já nos adverte que a epidemia de Morzine é semelhante à que assolou a Judéia, ao tempo do Cristo. É bem possível.

“Com o risco de ser censurado por alguns leitores, que talvez achassem que eu faria melhor se não falasse dos Espíritos, conclamo vivamente aos que lerem esta brochura a ler o mesmo assunto nos autores que acabo de citar.

“Todavia, não deveriam equivocarse quanto ao objetivo de meu convite; quanto mais leitores sérios houver para as obras do Espiritismo, mais cedo será feita completa justiça a uma crença, a uma *ciência*, como dizem, sobre a qual talvez eu pudesse arriscar uma opinião, depois de haver constatado tantas vezes o seu resultado: o contingente bastante notável que ele fornece anualmente à população de nossos asilos de alienados.”

Por aí se pode ver com que idéias o Dr. Constant foi a Morzine. Certamente não o levaremos a pensar como nós; apenas lhe diremos que está demonstrado pela experiência que o resultado da leitura das obras espíritas é completamente diferente do que ele espera, pois tal leitura, em vez de fazer pronta justiça a essa pretensa ciência, anualmente multiplica os adeptos aos milhares; que hoje são contados no mundo inteiro por cinco ou seis milhões, dos quais a décima parte só na França. Se ele objetasse que todos são tolos e ignorantes, nós lhe perguntaríamos por que essa doutrina conta no número de seus mais firmes partidários tão grande número de médicos em todos os países, tanto dos que assinam a *Revista*, como o atesta a nossa correspondência, quanto

dos que presidem ou fazem parte de grupos e sociedades espíritas, sem falar do número não menos expressivo de adeptos pertencentes a posições sociais, aonde só se chega pela inteligência e pela instrução. Isto é um fato material que ninguém pode negar. Ora, como todo efeito tem uma causa, a causa desse efeito está no fato de o Espiritismo não parecer a toda a gente assim tão absurdo, levando alguns a dizerem: – Infelizmente é verdade, exclamam os adversários da doutrina; assim, não temos mais de cobrir o rosto pela sorte da Humanidade em sua marcha para a decadência.

Resta a questão da loucura, o lobisomem de hoje, com o auxílio do qual se procura amedrontar as populações, que quase já não se alvoroçam, como bem se vê. Quando esse meio estiver esgotado, certamente conceberão outro; enquanto se espera, chamamos a atenção dos leitores para o artigo publicado no número de fevereiro de 1863, intitulado *A Loucura Espírita*.

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se manifestaram em março de 1857, em duas meninas de cerca de dez anos. No mês de novembro seguinte o número de doentes era de vinte e sete e em 1861 atingiu a cifra máxima de cento e vinte.

Se déssemos conta dos fatos segundo o que vimos, poderiam dizer que vimos o que quisemos ver. Aliás, chegamos no declínio da doença e ali não ficamos o bastante para tudo observar. Citando as observações alheias, não nos acusarão de somente ver pelos próprios olhos.

Tomamos as observações que se seguem do relatório cujo extrato fizemos acima:

“Essas moçoilas falam francês durante a crise com admirável facilidade, mesmo as que, fora daí, só conhecem algumas palavras.

“Uma vez em crise, as jovens perdem completamente a reserva, seja para o que for; também perdem inteiramente toda afeição de família.

“De ordinário a resposta é pronta e fácil; dir-se-ia que vem antes da interrogação. Esta resposta é sempre *ad rem*, exceto quando quem fala responde por tolices, insultos ou uma recusa afetada.

“Durante a crise o pulso fica calmo e, no maior furor, a personagem tem um ar de domínio, como alguém que tivesse a cólera sob o seu comando, sem parecer exaltada nem tomada por um acesso de febre.

“Notamos durante as crises uma insolência extraordinária, que ultrapassa qualquer limite, em mocinhas que, fora desse estado, são doces e tímidas.

“Durante a crise há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, levado além de todo o limite, dirigido contra tudo o que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante desses momentos terríveis é o ódio a Deus e a tudo quanto a ele se refere.

“Constatamos muito bem que essas jovens revelam *coisas que chegam de longe, bem como fatos passados de que não tinham conhecimento; também revelaram pensamentos de várias pessoas.*

“*Algumas vezes anunciaram o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.*

“Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas que elas desconheciam, como alemão, latim, etc.

“No estado de crise essas jovens são dotadas de uma força desproporcional à sua idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de dez anos.

“É de notar-se que, durante a crise, as meninas não sofrem danos materiais, nem pelas contorções, que parecem capazes de deslocar os membros, nem pelas quedas, nem pelas pancadas que se dão com violência.

“Em suas respostas há sempre a distinção de várias personagens: *a filha e ele, o demônio e o danado.*

“Fora da crise essas meninas não guardam nenhuma lembrança do que disseram ou fizeram, quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham feito trabalhos prolongados ou incumbências dadas no estado de crise.

.....
“Para concluir, diremos:

“Que a nossa impressão é de que tudo isto é sobrenatural, na causa e nos efeitos; e, conforme as regras da lógica e de tudo quanto nos ensinam a teologia, a história eclesiástica e o Evangelho,

“Declaramos que, em nossa opinião, há uma verdadeira possessão do demônio.

“Em testemunho do que,

*Assinado: ****

Morzine, 5 de outubro de 1857.

Eis como o Dr. Constant descreve as crises dos doentes, de acordo com suas próprias observações:

“Em meio à mais completa calma, raramente à noite, de repente sobrevêm bocejos, espreguiçamentos, alguns tremores, pequenos solavancos de aspecto coréico nos braços; pouco a pouco, e em curto espaço de tempo, como por efeito de descargas

sucessivas, esses movimentos se tornam mais rápidos, depois mais amplos e logo não parecem mais que um exagero dos movimentos fisiológicos; a pupila se dilata e se contrai alternadamente e os olhos participam dos movimentos gerais.

“Nesse momento as doentes, cujo aspecto a princípio parecia exprimir terror, entram num estado de furor, que vai sempre crescendo, como se a idéia que as domina produzisse dois efeitos quase simultâneos: depressão e excitação logo depois.

“Elas batem nos móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou, melhor, a vociferar; o que dizem, mais ou menos todas, quando não superexcitadas por perguntas, reduz-se a palavras indefinidamente repetidas: ‘S... não! S... ch... gne! S... vermelho!’ (Elas chamam vermelhos aqueles em cuja piedade não acreditam). Algumas acrescentam juramentos.

“Se junto delas não se acha nenhum espectador estranho; se não lhes fizerem perguntas, repetem incessantemente a mesma coisa, sem nada acrescentar; caso contrário, respondem ao que pergunta o espectador e mesmo aos pensamentos que lhes atribuem, às objeções que prevêem, mas sem se afastarem da idéia dominante, a esta referindo tudo o que elas dizem. Assim, muitas vezes: ‘Ah! tu crês, b... descrente, que somos loucas, que apenas sofremos da imaginação! Somos danadas, s... n... de D...! Somos os diabos do inferno!’

“E como é sempre um diabo que fala pela sua boca, o suposto diabo algumas vezes conta *o que fazia na Terra, o que fez depois no inferno*, etc.

“Em minha presença acrescentavam invariavelmente:

“Não são os teus s... médicos que nos curarão! Nós nos f... muito bem de teus remédios! Podes perfeitamente fazer a menina tomar; eles a atormentarão e a farão sofrer. Mas a nós

eles nada farão, porque somos diabos! É de santos padres e de bispos que precisamos, etc.

“O que não os impede de insultar os sacerdotes, quando estes estão presentes, sob o pretexto de que *não são bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Perante o prefeito e os magistrados, era sempre a mesma idéia, mas com outras palavras.

“À medida que elas falam, sempre com a mesma veemência, suas fisionomias não têm outro aspecto senão o do furor. Por vezes o pescoço incha e a face se injeta; noutras, empalidece, como sói acontecer às pessoas normais que, conforme a constituição, coram ou empalidecem durante um violento acesso de cólera; freqüentemente os lábios estão úmidos de saliva, o que leva a dizer que as doentes espumavam.

“Limitados inicialmente às partes superiores, os movimentos ganham sucessivamente o tronco e os membros inferiores, a respiração torna-se ofegante; as doentes redobram o furor, tornam-se agressivas, deslocam móveis e atiram cadeiras, tamboretas, isto é, tudo que lhes cai às mãos, sobre os assistentes; precipitam-se sobre estes para lhes bater, tanto nos parentes quanto nos estranhos; jogam-se ao chão, sempre continuando com os mesmos gritos; rolam-se, batem as mãos no solo e mesmo no próprio peito, no ventre, na região anterior do pescoço e procuram arrancar algo que parece incomodá-las nesses pontos. Viram-se e reviram-se de um salto só; vi duas que, levantando-se como que impulsionadas por uma mola, se inclinavam para trás de tal modo que a cabeça tocava o solo ao mesmo tempo que os pés.

“Esta crise dura mais ou menos dez, vinte minutos, meia-hora, conforme a causa que a provocou. Se é a presença de um estranho, sobretudo um padre, é muito raro que termine antes que a pessoa se tenha afastado; neste caso os movimentos convulsivos não são contínuos: depois de terem sido violentos,

enfraquecem e param para recomeçar imediatamente, como se, esgotada, a força nervosa repousasse um momento para se refazer.

“Durante a crise, o pulso e os batimentos cardíacos não estão acelerados; dá-se comumente o contrário: o pulso se concentra, torna-se fraco, lento e as extremidades se esfriam; apesar da violência da agitação e dos golpes furiosos desferidos de todos os lados, as mãos ficam geladas.

“Contrariamente ao que se vê muitas vezes em casos análogos, nenhuma idéia erótica se mistura ou parece juntar-se à idéia demoníaca. Eu mesmo me surpreendi com essa particularidade, por ser comum a todas as doentes: nenhuma diz a mais leve palavra ou faz o menor gesto obsceno. Em seus mais desordenados movimentos, jamais se descobrem e se seus vestidos se levantam um pouco quando rolam por terra, é muito raro que não os recomponham imediatamente.

“Não parece que haja aqui lesão da sensibilidade genital; assim, jamais se tratou de incubos e súcubos, ou de cenas de feitiçaria. Todas as doentes pertencem, como demonomaníacas, ao segundo dos quatro grupos indicados pelo Sr. Macário; algumas *escutam a voz dos diabos*; muito mais geralmente *falam por sua boca*.

“Depois da grande desordem, pouco a pouco os movimentos se tornam menos rápidos; alguns gases se escapam pela boca e a crise termina. A doente olha em redor com ar um pouco espantando, arruma os cabelos, apanha e coloca o seu gorro, bebe alguns goles de água e retoma o seu trabalho, caso fizesse algum quando a crise começara. Quase todas dizem não sentir cansaço, nem se lembram do que disseram ou fizeram.

“Nem sempre esta última afirmação é sincera; surpreendi algumas que se lembravam muito bem; apenas acrescentavam: *Bem sei que ele (o diabo) disse ou fez tal coisa, mas não sou eu. Se minha boca falou, se minhas mãos bateram, era ELE que*

as fazia falar e bater; bem que eu queria ficar tranqüila, mas ELE é mais forte que eu.'

“Esta é a descrição do estado mais freqüente; mas entre os extremos existem vários graus, desde a doente que só tem crises de gastralgia, até a que chega ao último paroxismo do furor. Feito este reparo não encontrei, em nenhuma das doentes visitadas, diferenças dignas de nota, à exceção de umas poucas.

“Uma, chamada Jeanne Br..., quarenta e oito anos, solteira, histérica de velha data, sente animais que não passam de *diabos*, que lhe correm pelo rosto e a mordem.

“A mulher Nicolas B..., trinta e oito anos, doente há três anos, *late* durante as crises. Atribui sua doença a um copo de vinho que bebeu em companhia de um desses que fazem mal.

“Jeanne G..., trinta e sete anos, não casada, é aquela cujas crises diferem mais. Não tem movimentos clônicos generalizados, que se vêm nas outras e quase nunca fala. Desde que sente vir a crise, vai sentar-se e se põe a balançar a cabeça para a frente e para trás; inicialmente lentos e pouco pronunciados, os movimentos vão se acelerando e acabam fazendo a cabeça descrever um círculo com incrível rapidez, cada vez mais amplo, até vir alternativa e regularmente bater o dorso e o peito. A intervalos o movimento cessa por um instante e os músculos contraídos mantêm a cabeça fixa na posição em que se encontrava ao parar, sem que seja possível, mesmo com esforços, reerguê-la ou flexioná-la.

“Victoire V..., vinte anos, foi uma das primeiras a adoecer, aos dezesseis anos. Assim conta seu pai o que ela sofreu:

“Jamais tinha sentido algo, quando um dia foi assaltada pelo mal na igreja. Durante os dois ou três primeiros dias apenas saltava um pouco. Um dia trouxe o meu jantar na paróquia, onde

eu trabalhava; nesse momento o sino tocava, anunciando o *Ángelus*, quando, de repente, ela se pôs a saltar e se jogou no chão, gritando e gesticulando, jurando após o badalar do sino. Como casualmente lá se achasse o cura de Montriond, ela o injuriou, chamou-o s... ch... de Montriond. O cura de Morzine também veio para junto dela, no momento em que a crise terminava, mas logo ela recomeçou, porque ele fez o sinal da cruz em sua frente. Tinham-na exorcizado várias vezes, mas vendo que nada a curava, nem exorcismos nem outra coisa, levei-a a Genebra, ao Sr. Lafontaine (magnetizador); ali permaneceu um mês e voltou completamente curada. Guardou equilíbrio por cerca de três anos.

“Há seis semanas houve uma recidiva, mas ela já não tinha crise. Não queria ver ninguém e se trancava em casa; só comia quando eu tinha algo de bom para lhe dar, pois do contrário não podia engolir. Não se sustentava em pé e nem ao menos movia os braços. Várias vezes tentei pô-la de pé, mas ela não se *sentia* e logo caía, desde que eu não mais a sustentava. Então resolvi levá-la ao Sr. Lafontaine. Não sabia como conduzi-la; ela me disse: ‘Quando estiver na comuna de Montriond andarei bem.’ Auxiliado por um de meus vizinhos, nós a carregamos até Montriond. Mas logo do outro lado da ponte ela andou só e se queixava apenas de um gosto horrível na boca. Depois de duas sessões com o Sr. Lafontaine já estava melhor e agora está empregada como doméstica.’

“Foi geralmente notado, diz o Dr. Constant, que *uma vez fora da comuna*, só raramente as doentes têm crises.

“Um dia, o prefeito, que me acompanhava, foi surpreendido por uma doente que, violentamente, lhe atirou uma pedra contra o rosto. Quase ao mesmo instante outra doente se precipitava sobre ele, armada com um grande pedaço de pau, para também lhe bater. Vendo esta vir, ele lhe mostrou a extremidade pontiaguda de sua bengala ferrada, ameaçando perfurar-lhe o corpo, caso avançasse. Ela parou, deixou cair o porrete e contentou-se em injuriá-lo.

“Não obstante as corridas, os saltos e os movimentos violentos e desordenados das doentes; malgrado as pancadas a que se entregam, seus terrores e divagações, não se citam tentativas de suicídio nem acidentes graves com qualquer delas. Assim, não perdem inteiramente a consciência e ao menos subsiste o instinto de conservação.

“Se, ao iniciar a crise, uma mulher segura o filho nos braços, acontece muitas vezes que um *diabo* menos mau que o que vai operá-la lhe diz: *‘Deixa esta criança; ele (outro diabo) lhe faria mal.’* Por vezes dá-se o mesmo quando têm uma faca ou outro instrumento susceptível de causar ferimentos.

“Como as mulheres, os homens sofreram a influência da crença que a todos deprime em graus diversos, embora neles os efeitos tenham sido menores e bastante diferentes. Alguns sentem absolutamente as mesmas dores que as mulheres; como estas, eles sentem sufocações, experimentam uma sensação de estrangulamento e acusam a sensação da bola histérica, mas nenhum chegou às convulsões; e se houve alguns raros exemplos de acidentes convulsivos, quase sempre podem ser atribuídos a um estado mórbido anterior e diferente. O único representante do sexo masculino que pareceu ter tido crises da mesma natureza que as das moças foi o jovem T... São geralmente as moças de quinze a vinte e cinco anos que foram atingidas. Ao contrário, no sexo oposto, com exceção do jovem T..., são apenas homens maduros, como acabo de dizer, aos quais as vicissitudes da vida poderiam perfeitamente ter trazido outras preocupações pré-existentes, ou acrescentadas às causadas pela doença.”

Depois de haver discutido a maioria dos fatos extraordinários narrados a respeito das doentes de Morzine, e tentado provar o estado de degradação física e moral dos habitantes em consequência de afecções hereditárias, acrescenta o Dr. Constant:

“É, pois, necessário ter como certo que tudo quanto se diz em Morzine, uma vez restabelecida a verdade, acha-se consideravelmente reduzido. Cada um concebeu sua história e quis ultrapassar o outro. Tais exageros se encontram em todas os relatos de epidemias desse gênero. Ainda mesmo que alguns fatos fossem reais em todos os pontos e escapassem a toda interpretação, seria motivo para lhes buscar uma explicação fora das leis naturais? Corresponderia a dizer que todos os agentes, cujo modo de ação ainda não foram descobertos e escapam à nossa análise, são necessariamente sobrenaturais.

“Tudo o que se viu em Morzine, sobretudo aquilo que se conta poderá, para certas pessoas, ser interpretado como sinal manifesto de uma possessão, mas é, também, muito certamente, o de uma moléstia complexa que recebeu o nome de histero-demonomania.

“Em suma, acabamos de ver uma região cujo clima é rude e a temperatura muito variável, onde a histeria, em todos os tempos, foi considerada endêmica; uma população cuja alimentação, sempre a mesma para todos, mais pobres ou menos pobres, e sempre má, é composta de alimentos geralmente alterados, que podem provocar, e provocam, desarranjos das funções dos órgãos da nutrição e, por aí, nevroses particulares; uma população de constituição pouco robusta e especial, marcada muitas vezes por predisposições hereditárias; ignorantes e vivendo num isolamento quase completo; muito piedosa, mas de uma piedade que tem por base *mais o medo que a esperança*; muito supersticiosa e cuja superstição, essa chaga que São Tomé chamava *um vício oposto à religião por excesso*, tem sido mais alimentada que combatida; embalada por histórias de feitiçaria que são, fora das cerimônias da Igreja, a única distração que a severidade religiosa exagerada não pôde impedir; de uma imaginação viva, muito impressionável, que precisaria de algum alimento e que não o encontra senão nessas mesmas cerimônias.”

Resta-nos examinar as relações que podem existir entre os fenômenos acima descritos e os que se produzem nos casos de obsessão e subjugação bem constatados, o que sem dúvida cada um já terá notado: o efeito dos meios curativos empregados, as causas da ineficácia do exorcismo e as condições nas quais podem ser úteis. É o que faremos no próximo e último artigo.

Por ora diremos, como o Dr. Constant, que não há necessidade de buscar no sobrenatural a explicação dos efeitos desconhecidos; neste ponto concordamos perfeitamente com ele. Para nós os fenômenos espíritas nada têm de sobrenatural; revelam-nos uma das leis, uma das forças da Natureza que não conhecíamos e que produz efeitos até agora inexplicados. Evidenciada pelos fatos e pela observação, esta lei será mais irracional porque tem, como promotores, seres inteligentes, em vez de animais ou a matéria bruta? Será, então, um contra-senso acreditar em inteligências ativas além do túmulo, sobretudo quando se manifestavam de maneira ostensiva? O conhecimento desta lei, levando certos efeitos à sua causa verdadeira, simples e natural, é o melhor antídoto contra as idéias supersticiosas.

Resultado da Leitura das Obras Espíritas

CARTAS DOS SRS. MICHEL, DE LYON, E DE..., DE ALBI

Como resposta à opinião do Dr. Constant, relativa ao efeito que deve produzir a leitura das obras espíritas, publicamos a seguir duas cartas, entre milhares da mesma natureza que nos são dirigidas. Como vimos no artigo precedente, sua opinião é que esse efeito deve, inevitavelmente, fazer pronta justiça à pretensa ciência do Espiritismo, e é nessa qualidade que lhe recomenda a leitura. Ora, essas obras são lidas há mais de seis anos e, deplorável para a sua perspicácia, a justiça ainda não foi feita!

Albi, 6 de março de 1863.

Senhor Allan Kardec,

...Sei que não devo abusar do vosso precioso tempo; assim me privo da felicidade de entreter-me longamente convosco. Direi que lamento amargamente não ter conhecido mais cedo vossa admirável doutrina, pois sinto que teria sido outro homem; contudo eu não sou médium nem procuro sê-lo no momento, em razão de graves aborrecimentos que me obsidiam incessantemente. Meu passado é de deplorável indiferença; cheguei até a idade de quarenta e nove anos sem saber uma única prece. Desde que vos li, oro sempre à noite, às vezes pela manhã, sobretudo pelos meus inimigos. Vossa doutrina me salvou de muitas coisas e me fez suportar os reveses com resignação.

Quanto eu vos seria reconhecido, caro senhor, se orásseis algumas vezes por mim!

Aceitai, etc.

D...

Lyon, 9 de março de 1863.

Meu caro mestre,

Devo começar pedindo que me perdoeis duplamente: primeiro por haver retardado muito o cumprimento de um dever desta natureza; segundo, pela liberdade que tomo, sem ter a honra de ser conhecido, de vos entreter com coisas que me são, de certo modo, inteiramente pessoais.

Esta consideração me obriga a ser tão breve quanto possível para não abusar de vossa bondade, nem vos fazer perder comigo um tempo que poderíeis empregar mais utilmente para o bem geral.

Há seis meses que tenho a felicidade de ser iniciado na Doutrina Espírita; senti nascer em mim um vivo sentimento de reconhecimento. Aliás, tal sentimento não deixa de ser a consequência muito natural da crença no Espiritismo; e, desde que tem sua razão de ser, deve igualmente manifestar-se. Em minha opinião, deve dividir-se em três partes, da qual a primeira a Deus, a quem diariamente todo espírita deve agradecer esta nova prova de sua infinita misericórdia; a segunda pertence de direito ao próprio Espiritismo, isto é, aos Espíritos bons e seus sublimes ensinamentos; a terceira, finalmente, àquele que nos guia na nova estrada; sentimo-nos felizes em reconhecê-lo como nosso venerado mestre.

Assim compreendido, o reconhecimento espírita impõe, pois, três deveres bem distintos: para com Deus, para com os Espíritos bons e para com o propagador de seus ensinamentos. Tenho esperança de me desobrigar para com Deus, pedindo-lhe perdão de meus erros passados e continuando a orar diariamente; tentarei saldar minha dívida ao Espiritismo, espalhando em meu redor, tanto quanto mo permitam minhas pobres forças, os benefícios da instrução espírita. O fim desta carta, senhor, é testemunhar-vos o vivo desejo que sentia de me desonerar para convosco, o que lamento fazer tão tardiamente. Apelo, pois, à vossa caridade e vos peço aceiteis esta sincera homenagem de um reconhecimento sem limites.

Associando-me de coração aos que me precederam, venho dizer-vos: Obrigado por nos haver tirado do erro, fazendo irradiar-se sobre nós a luz da verdade; obrigado por nos ter feito conhecer os meios de chegar à verdadeira felicidade pela prática do bem; obrigado, porque não temestes ser o primeiro a entrar na luta.

O advento do Espiritismo no século dezenove, numa época em que o egoísmo e o materialismo parecem dividir o império do mundo, é um fato muito importante e muito

extraordinário para não provocar a admiração ou o espanto das pessoas sérias e dos espíritos observadores. Esse fato é completamente inexplicável para os que recusam reconhecer a intervenção divina na marcha dos grandes acontecimentos que se realizam entre nós e, muitas vezes, mau grado nosso.

Mas um fato não menos surpreendente é que se tenha encontrado nesta mesma época de incredulidade um homem bastante crente, bastante corajoso, para sair da multidão, abandonar a corrente e anunciar uma doutrina que devia pô-lo em desacordo com o maior número, pois seu objetivo é combater e destruir os preconceitos, os abusos e os erros do povo, e, enfim, pregar a fé aos materialistas, a caridade aos egoístas, a moderação aos fanáticos, a verdade a todos.

Este fato está hoje realizado; portanto, não era impossível. Mas, para realizá-lo, era preciso uma coragem que só a fé pode dar. Eis o que causa a nossa admiração.

Semelhante devotamento, meu caro mestre, não podia deixar de dar frutos. Assim, desde já podeis começar a receber a recompensa de vosso labor, contemplando o triunfo da doutrina que ensinastes.

Sem vos preocupar com o número e a força dos vossos adversários, descestes sozinho à arena e, aos gracejos injuriosos, opusestes uma inalterável serenidade; aos ataques e calúnias respondestes com a moderação. Assim, em pouco tempo, o Espiritismo propagou-se por todas as partes do mundo; hoje seus adeptos se contam aos milhões e, coisa extraordinária! se recrutam em todos os graus da escala social. Ricos e pobres, ignorantes e sábios, livres-pensadores e puritanos, todos responderam ao apelo do Espiritismo e cada classe se empenhou em fornecer seu contingente nesta grande cruzada da inteligência... Luta sublime! Onde o vencido tem orgulho de proclamar sua derrota e, mais

orgulhoso ainda, de poder combater sob a bandeira dos vencedores.

Esta vitória não apenas honra aquele que a conquista, mas também atesta a justeza da causa, isto é, a superioridade da doutrina espírita sobre todas que a precederam e, por conseguinte, sua origem divina. Para o adepto fervoroso o fato não pode ser posto em dúvida e o Espiritismo não pode ser obra de alguns cérebros dementes, como seus detratores tentaram demonstrar. É impossível que o Espiritismo seja uma obra humana; deve ser e é, com efeito, uma revelação divina. Se assim não fosse, já teria sucumbido e seria impotente perante a indiferença e o materialismo.

Toda ciência humana é sistemática em sua essência e, por isso mesmo, sujeita a erro. Daí por que só pode ser admitida por um pequeno número de indivíduos que, por ignorância ou por cálculo, lhe propagam as crenças errôneas, crenças que caem por si mesmas depois de algum tempo de prova. O tempo e a razão sempre têm feito justiça às doutrinas abusivas e destituídas de fundamento. Nenhuma ciência, nenhuma doutrina pode reclamar estabilidade se, no seu conjunto e nos menores detalhes, não possuir essa emanção pura e divina que chamamos verdade; porque só a verdade é imutável como o Criador, que é a sua fonte.

Encontramos um exemplo muito consolador nas divinas palavras do Cristo, que o Santo Evangelho, não obstante sua longa e aventureosa peregrinação, nos transmitiu tão suaves, tão puras quanto eram ao saírem da boca do divino Renovador.

Depois de dezoito séculos de existência, a doutrina do Cristo nos parece tão luminosa quanto na época de seu nascimento. A despeito das falsas interpretações de uns, das perseguições de outros, e embora pouco praticada em nossos dias, nem por isso ficou menos enraizada na lembrança dos homens. A doutrina do Cristo é, pois, uma base inquebrantável, contra a qual as paixões

humanas incessantemente se vêm quebrar. Como a vaga impotente se arrebenta contra o rochedo, as tempestades do erro se esgotam em vãos esforços contra o farol da verdade. Sendo o Espiritismo a confirmação, o complemento dessa doutrina é justo dizer-se que se transformará num monumento indestrutível, visto ter Deus por princípio e a verdade por base.

Assim como nos sentimos felizes por predizer seu longo destino, entrevemos com felicidade o momento em que se tornará crença universal. Esse momento não estará muito distante, porque os homens não tardarão a compreender que não há felicidade possível na Terra sem fraternidade. Compreenderão também que a palavra virtude não deve apenas errar sobre os lábios, mas gravar-se profundamente nos corações; compreenderão, enfim, que aquele que assume a tarefa moral de pregar a moral deve, antes de tudo e acima de tudo, pregá-la pelo exemplo.

Paro, meu caro mestre, porque a grandeza do assunto me arrasta a alturas onde não me é possível manter. Mãos mais hábeis que as minhas já pintaram com vivas cores o quadro tocante que minha pena ignorante em vão tenta esboçar. Rogo que me perdoeis por vos haver entretido tanto tempo com meus próprios sentimentos; mas eu tinha um desejo invencível de me desafogar no seio daquele que havia dado a calma à minha alma, substituindo a dúvida que há quinze anos a torturava por uma certeza consoladora!

Fui, sucessivamente, católico fervoroso, fatalista, materialista, filósofo resignado; mas dou graças a Deus por nunca ter sido ateu. Vociferava contra a Providência, sem, contudo, jamais negar a Deus. Para mim, as chamas do inferno há muito se haviam extinguido; entretanto, meu Espírito não estava tranqüilo quanto ao futuro. Apesar de os gozos celestes preconizados pela Igreja não terem atrativos suficientes para exortarem à virtude, raramente a consciência aprovava a minha conduta. Eu estava em contínua

dúvida. Apropriando-me do pensamento de um grande filósofo: “A consciência foi dada ao homem para o atormentar”, cheguei à conclusão de que o homem deve evitar cuidadosamente tudo quanto possa perturbar a sua consciência. Assim, teria evitado cometer uma grande falta, porque a minha consciência a isso se opunha; teria praticado algumas boas obras para experimentar a satisfação que elas proporcionavam; mas nada entrevia além. A Natureza me havia tirado do nada; a morte devia levar-me ao nada! Muitas vezes esse pensamento me engolfava em profunda tristeza, mas, por mais que consultasse, que buscasse, nada me fazia decifrar o enigma. As desigualdades sociais me chocavam e muitas vezes indagava por que havia nascido em posição inferior, onde me achava tão mal colocado. Não podendo responder, dizia: o acaso.

Uma consideração de outro gênero me fazia sentir horror ao nada! De que valia instruir-me? Para brilhar num salão?... é preciso fortuna. Para me tornar um poeta, um grande escritor?... é preciso um talento natural. Mas para mim, simples artesão, talvez destinado a morrer sobre o banco de trabalho, ao qual me ligara pela necessidade de ganhar o pão de cada dia?... Para que me instruir? Eu não sabia quase nada e isso já era muito; meu saber de nada me servia em vida e devia extinguir-se com a morte. Tal pensamento surgia freqüentemente em meu Espírito; chegara mesmo a maldizer essa instrução que facultavam ao filho do operário. Não obstante muito exígua, muito incompleta, essa instrução me parecia supérflua e não só prejudicial à felicidade do pobre, mas incompatível com as exigências de sua condição. Em minha opinião era uma calamidade a mais para o pobre, pois fazia com que compreendesse a importância do mal, sem lhe indicar o remédio. É fácil explicar os sofrimentos morais de um homem que, sentindo bater no peito um coração nobre, é obrigado a curvar a sua inteligência à vontade de um indivíduo, do qual um punhado de escudos, muitas vezes mal-adquiridos, constitui todo o mérito e todo o saber.

É então que se precisa apelar à filosofia. E olhando o topo da escada social, a gente diz: O dinheiro não traz felicidade. Depois, olhando para baixo, vêem-se pessoas numa posição inferior à sua e se acrescenta: Tenhamos paciência; há outros que se queixam mais que nós. Mas se, por vezes, essa filosofia dá resignação, jamais produz a felicidade.

Eu estava nessa situação quando o Espiritismo veio tirar-me do lamaçal de provas e de incertezas, onde me afundava cada vez mais, malgrado os esforços que fazia para sair.

Durante dois anos ouvi falar do Espiritismo sem lhe prestar uma atenção séria. Como diziam seus adversários, eu julgava que um novo charlatanismo se havia infiltrado entre os outros. Mas, enfim, cansado de ouvir falar de uma coisa, da qual realmente não conhecia senão o nome, resolvi instruir-me. Então adquiri *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Li, ou melhor, devorei essas duas obras com tal avidez e satisfação que é impossível definir. Qual não foi minha surpresa, lançando os olhos sobre as primeiras páginas, ao ver que se tratava de filosofia moral e religiosa, quando eu esperava ler um tratado de magia, acompanhado de histórias maravilhosas! Logo a surpresa deu lugar à convicção e ao reconhecimento. Quando terminei a leitura, percebi com felicidade que era espírita há muito tempo. Agradei a Deus, que concedia este insigne favor. Doravante poderei orar sem temer que minhas preces se percam no espaço e suportarei com alegria as tribulações desta breve existência, sabendo que a minha miséria atual não passa de justa conseqüência de um passado culposo ou um período de prova para alcançar um futuro melhor. Não mais a dúvida! A justiça e a lógica nos desvendam a verdade; e nós aclamamos com felicidade esta benfeitora da Humanidade.

É quase inútil dizer-vos, meu caro mestre, quão grande era o meu desejo de ser médium; assim, estudei com grande perseverança. Depois de alguns dias de observação, reconheci que

era médium intuitivo; meu desejo só se realizara parcialmente, pois desejava vivamente ser médium mecânico.

A mediunidade intuitiva deixa por muito tempo a dúvida no espírito de quem a possui. Para dissipar todos os meus escrúpulos a respeito, tive de assistir a algumas sessões de Espiritismo, a fim de poder fazer uma comparação entre a minha mediunidade e a dos outros médiuns. Foi então que compreendi o acerto de vossa recomendação, que *prescreve ler antes de ver*, se se quiser ficar convencido; porque, posso dizer-vos francamente, nada vi de convincente para um incrédulo. Eu daria tudo para ter sido admitido no número daqueles que a Providência colocou sob a direção imediata de nosso bem-amado chefe, porque pensava que as provas deviam ser mais palpáveis, mais freqüentes na Sociedade que presidis. Apesar disso, não fiquei nisso; convidei alguns médiuns escreventes, videntes e desenhistas a se reunirem comigo para o trabalho comum. Foi então que tive a alegria de testemunhar fatos surpreendentes e obter as provas mais evidentes da excelência e da sinceridade do Espiritismo. Pela segunda vez eu estava convencido!

Junto a esta carta, já bem longa, algumas das minhas comunicações. Ficaria contente, meu caro mestre, se vos fosse possível dar-lhes uma olhadela e julgar de seu valor. Do ponto de vista moral eu as considero irrepreensíveis; mas do ponto de vista literário... Como não estou apto a julgá-las, abstenho-me de qualquer apreciação. Se, contra minha expectativa, encontrardes alguns fragmentos que mereçam ser entregues à publicidade, peço que vos sirvais deles à vontade; para mim seria uma grande felicidade poder levar o meu tijolo à construção do grande edifício.

Daria grande valor a uma resposta pessoal, caro mestre, mas não ousa solicitá-la, por saber da impossibilidade material em que vos achais de responder a todas as cartas que vos são enviadas. Termina, enfim, rogando que me perdoeis esta extrema liberdade,

esperando possais acreditar na sinceridade daquele que tem a honra de se dizer um dos vossos mais fervorosos admiradores e vosso muito humilde servidor.

Michel,

Rua Bouteille, 25, Lyon

Os Sermões Continuam, mas não se Assemelham

Em 7 de março de 1863 nos escreveram de Chauny:

“Senhor,

“Vou tentar vos dar a análise de um sermão que nos foi pregado ontem pelo abade X..., estranho à nossa paróquia. Esse padre, aliás bom pregador, explicou, tanto quanto era possível fazê-lo, o que é Deus e o que são os Espíritos. Não deveria ignorar que havia grande número de espíritas no auditório, de modo que tivemos viva satisfação de ouvir falar dos Espíritos e de suas relações com os vivos.

“Não explico de outra maneira, disse ele, todos os fatos miraculosos, todas as visões, todos os pressentimentos, senão pelo contato dos que nos são caros e nos precederam no túmulo. E, se eu não temesse levantar um véu muito misterioso, ou vos falar de coisas que não seriam compreendidas por todos, eu me estenderia muito mais sobre este assunto. Sinto-me inspirado e, obedecendo à voz da consciência, nunca seria demais vos aconselhar que guardásseis boa lembrança de minhas palavras: Crer nesse Deus do qual todos os Espíritos emanam e no qual todos deveremos reunir-nos um dia.

“Esse sermão, senhor, pronunciado numa inflexão de doçura, de benevolência e de convicção, ia muito mais ao coração que os discursos furiosos, onde em vão procuramos a caridade

pregada pelo Cristo; estava ao alcance de todas as inteligências, razão por que todos o compreenderam e saíram reconfortados, em vez de ficarem tristes e desanimados pelos quadros do inferno e das penas eternas e tantos outros temas em flagrante contradição com a sã razão.

“Aceitai, etc.

V...”

Graças a Deus este sermão não é o único do gênero; já nos chamaram a atenção sobre vários outros no mesmo sentido, mais ou menos acentuados, que foram pregados em Paris e nos Departamentos; e, coisa bizarra, num sentido diametralmente oposto, pregados no mesmo dia, na mesma cidade e quase à mesma hora. Isto nada tem de surpreendente, porque há muitos eclesiásticos esclarecidos, que compreendem que a religião só terá a perder em sua autoridade se se posicionar contra a irresistível marcha das coisas e que, como todas as instituições, deve acompanhar o progresso das idéias, sob pena de receber, mais tarde, o desmentido dos fatos realizados. Ora, quanto ao Espiritismo, é impossível que muitos desses senhores não se tenham convencido por si mesmos da realidade das coisas; pessoalmente conhecemos mais de um neste caso. Um deles nos dizia outro dia: “Podem proibir-me de falar em favor do Espiritismo; mas obrigar-me a falar contra minha convicção, a dizer que tudo isto é obra do demônio, quando tenho a prova material em contrário, é o que jamais farei.”

Dessa divergência de opinião ressalta um fato capital: o de que a doutrina exclusiva do diabo é uma opinião individual, que necessariamente terá de curvar-se diante da experiência e da opinião geral. É possível que alguns persistam em suas idéias até *in extremis*; mas passarão e, com eles, suas palavras.

Suicídio Falsamente Atribuído ao Espiritismo

O ardor dos adversários em recolher e, sobretudo, desnaturar os fatos que julgam comprometer o Espiritismo é realmente incrível, a tal ponto que logo não haverá mais nenhum acidente pelo qual ele não seja responsável.

Um fato lamentável passou-se ultimamente em Tours e não podia deixar de ser explorado pela crítica: é o suicídio de dois indivíduos, que muitos se esforçam por atribuir ao Espiritismo.

O jornal *Le Monde* (antigo *Univers Religieux*) e, com ele, vários jornais, publicaram um artigo sobre o assunto, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Um casal em idade avançada, o Sr. e a Sra. ***, ainda em boa forma e desfrutando de uma renda que lhes permitia viver à vontade, entregava-se há cerca de dois anos a operações de Espiritismo. Quase todas as noites reunia-se em sua casa um certo número de operários, homens e mulheres, e jovens de ambos os sexos, perante os quais nossos dois espíritas faziam suas evocações ou, *pelo menos, pretendiam fazê-las.*

“Não falaremos das questões *de toda espécie*, cuja solução era pedida aos Espíritos naquela casa. Os que conhecem o casal de longa data e os seus sentimentos sobre religião jamais ficaram surpreendidos com as cenas que ali se produziam. *Estranhos a toda idéia cristã, tinham-se atirado à magia, passando por mestres hábeis e perfeitos.*

“Um e outro estavam convencidos, desde algum tempo, de que os Espíritos os persuadiam vivamente a deixar a Terra, a fim de fruir num outro mundo, o mundo supra-terrestre, de uma maior soma de felicidade. Com efeito, não duvidando que assim fosse,

consumaram o duplo suicídio com o maior sangue-frio, fato que hoje constitui um grande escândalo na cidade de Tours.

.....

“Assim, é hoje o suicídio que temos a constatar como resultado do Espiritismo e de sua *doutrina*. Ontem eram os casos de loucura, sem falar das desordens domésticas e *de outras desordens* que o Espiritismo *tão comumente* tem provocado. Isto não basta para que os homens compreendam, aqueles que fecham os ouvidos à voz da religião, a que perigos se expõem, entregando-se a essas práticas estúpidas e tenebrosas?”

Notemos, antes de tudo, que se os dois indivíduos *pretendiam fazer evocações*, é que realmente não as faziam; enganavam os outros ou iludiam-se a si mesmos. Portanto, se não faziam evocações reais, era uma quimera, e os Espíritos não lhes podiam dar maus conselhos.

Eram espíritas, isto é, espíritas de coração ou de nome? O artigo esclarece que *eram estranhos a toda idéia cristã*; ademais, que passavam por *mestres hábeis e perfeitos na magia*. Ora, está provado que o Espiritismo é inseparável das idéias religiosas, principalmente das cristãs; que a negação destas é a negação do Espiritismo; que condena as práticas de magia, com as quais nada tem de comum; que denuncia como supersticiosa a crença na virtude dos talismãs, fórmulas, sinais cabalísticos e palavras sacramentais. Portanto, aquelas pessoas não eram espíritas, pois estavam em contradição com os princípios do Espiritismo. Para prestar homenagem à verdade, diremos que, das informações obtidas, conclui-se que aquelas pessoas não se ocupavam de magia e certamente quiseram aproveitar a circunstância para vincular esse nome ao Espiritismo.

Além disso, diz o artigo que em casa deles se faziam *perguntas de toda espécie* aos Espíritos. O Espiritismo afirma expressamente que não se podem dirigir aos Espíritos toda sorte de perguntas; que eles vêm para nos instruir e nos tornar melhores, e

não para se ocuparem de interesses materiais; que é equivocar-se quanto ao objetivo das manifestações nelas ver um meio de conhecer o futuro, descobrir tesouros ou heranças, fazer invenções e descobertas científicas para ilustrar-se ou enriquecer sem trabalho; numa palavra, que os Espíritos não vêm ler a *buena-dicha*. Por conseguinte, ao fazerem aos Espíritos *perguntas de toda espécie*, o que é muito real, provavam os indivíduos a sua ignorância quanto ao próprio objetivo do Espiritismo.

O artigo não diz que fizessem profissão daquilo, e realmente não o faziam. Do contrário, lembraríamos o que já foi dito centenas de vezes a respeito dessa exploração e de suas conseqüências, de que o Espiritismo sério não pode assumir a responsabilidade *legal* ou outra, como não assume a das excentricidades dos que não o compreendem; não defende os abusos que poderiam ser cometidos em seu nome por aqueles que lhe tomassem a forma ou a *máscara* sem lhe assimilar os princípios.

Outra prova de que aqueles indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo demonstra, não por simples teoria moral, mas por numerosos e consideráveis exemplos, que o suicídio é severamente castigado; que aquele que julga escapar às misérias da vida por uma morte voluntária antecipada aos desígnios de Deus, cai num estado muito mais infeliz. Sabe, pois, o espírita – e disso não pode duvidar – que, pelo suicídio, troca-se um mau estado passageiro por outro pior e que pode durar bastante. É o que teriam sabido aqueles indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, avançando que essa doutrina conduz ao suicídio, falou de uma coisa que ele próprio desconhecia.

Não nos surpreendemos de modo algum com o resultado do barulho que fizeram desse acontecimento. Apresentando-o como conseqüência da Doutrina Espírita aguçaram a curiosidade e cada um quis conhecer essa doutrina por

si mesmo, sob a condição de a repelir se se mostrasse tal como a retratavam. Ora, reconheceram que dizia exatamente o contrário do que pretendiam que dissesse; assim, pois, ela não pode senão lucrar em se tornar conhecida, o que os nossos adversários parecem encarregar-se com um ardor pelo qual só lhes podemos ser gratos, salvo, todavia, quanto à intenção. Se por suas diatribes produzem uma pequena perturbação *local e momentânea*, esta não tarda a ser seguida por um recrudescimento do número dos adeptos. É o que se vê por toda parte.

“Se, pois – nos escrevem de Tours – esses indivíduos resolveram misturar os Espíritos em sua fatal resolução e em suas excentricidades bem conhecidas, é evidente que nada haviam compreendido do Espiritismo e que não se pode tirar nenhuma conclusão contra a doutrina; de outro modo, seria preciso responsabilizar as doutrinas mais sérias e mais sagradas pelos abusos e até crimes cometidos em seu nome por pobres insensatos e fanáticos. A Sra. F... pretendia ser médium, mas todos quantos a ouviram jamais puderam levá-la a sério. As idéias muito repisadas, o exagero e as excentricidades do casal de velhos, principalmente da mulher, fizeram se lhes fossem fechadas as portas do círculo espírita de Tours, ao qual *não foram admitidos a uma única sessão.*”

O jornal supracitado não deu boas informações sobre as verdadeiras causas do suicídio. Nós as colhemos de peças autênticas, registradas num cartório de Tours, bem como de uma carta que, a respeito, nos escreveu o Sr. X..., procurador dessa cidade.

Os esposos F..., a mulher com sessenta e dois anos e o marido com oitenta, longe da abastança em que viveram, foram impelidos ao suicídio *unicamente* pela perspectiva da *miséria*. Tinham acumulado uma pequena fortuna com o comércio de tecidos em Nova Orléans; arruinados por falências, vieram para Nantes, depois para Tours, com o pouco que lhes restou do

naufrágio financeiro. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, faltou-lhes em 1856, em consequência de uma nova falência. Já por três vezes, e muito antes que se cogitasse de Espiritismo, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz tinha acabado por arruiná-los, fazendo-lhes perder a coragem e a razão.

A carta a seguir, escrita pela Sra. F.. antes de morrer e que se acha entre as peças acima relatadas, assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur*, dá a conhecer a verdadeira razão da morte. Nós a transcrevemos textualmente, na grafia original:

“Sr. e Sra. B..., antes de ir para o Céu quero entender-me convosco mais uma vez, aceitai meu último adeus, espero muito entretanto que nos veremos, como parto antes de vós vou guardar o vosso lugar para quando vier o momento eu vos dar parte de nosso projeto, desde nossas adversidades temos alimentado no coração uma mágoa que não se apagou, é mais que um aborrecimento, tudo se torna um peso para mim, tenho sempre o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que há seis anos que o negócio de nossa casa não termina, talvez seja preciso consumir mais dois mil francos, como vemos que não podemos sair disso senão com grandes privações que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso acabar com isso, agora estamos velhos as forças começam a nos abandonar, a coragem falta, a partida não é mais igual, é preciso acabar com isto e chegamos à determinação. Peço que aceiteis meus votos sinceros. Esposa F..”

Hoje se sabe em Tours como proceder quanto às verdadeiras causas desse acontecimento; e o ruído que fazem a respeito reverte-se em favor do Espiritismo, porquanto, diz o nosso correspondente, fala-se dele em toda parte, querem saber ao certo o que ele é e, desde então, as livrarias da cidade têm vendido mais livros espíritas do que nunca.

É realmente curioso ver o tom lamentável de alguns, a cólera furibunda de outros, e, em meio a tudo isto, o Espiritismo prosseguir sua marcha ascendente, como um soldado que planeja um assalto sem se inquietar com a metralha. Vendo a zombaria impotente, depois de haverem dito que era um fogo-fátuo, agora os adversários dizem que é um cão raivoso.

Variedades

Lê-se no jornal *Siècle* de 23 de março de 1862:

O casal C..., residente na Rua Notre-Dame de Nazareth, tinha dois filhos: um garotinho de quinze meses e uma menina de cinco anos, que nunca eram vistos, pois ninguém entrava na casa deles. A menina só foi avistada uma vez, amarrada pelas axilas e pendurada numa porta; freqüentemente se ouviam gemidos saindo da casa. Correu o boato de que ela era objeto de odioso tratamento. O comissário de polícia dirigiu-se ao local e viu-se obrigado a empregar a força para entrar.

Um horrendo espetáculo desdobrou-se aos olhos das pessoas que entraram. A pobre menina estava sem camisa e sem meias, apenas com um vestidinho indiano de uma sujeira repugnante. A pele dos pés terminara por aderir ao couro dos sapatos. Estava sentada num pequeno urinol, apoiada numa arca e retida por cordas que passavam pela maçaneta da peça. De acordo com o inquérito estava nessa posição há vários meses, o que havia produzido uma hérnia do reto; que os pais se levantavam à noite para atormentar a vítima; despertavam-na com pancadas: a mulher com tenazes e o cabo do espanador; o marido com uma corda. Reprendido pelo comissário, o marido respondeu: “Senhor, *soit* muito religioso; minha filha rezava mal; eis por que quis corrigi-la.”

Que diria o autor do artigo citado anteriormente, a propósito dos suicidas de Tours, se se imputasse à religião esta barbaridade de gente que se diz muito religiosa? O ato dessa mãe que matou seus cinco filhos para mandá-los mais cedo ao Céu? O da jovem criada que, tomando ao pé da letra a máxima do Cristo: “Se vossa mão direita vos escandaliza, cortai-a”, cortou a mão a golpes de machado? Ele responderia que não basta dizer-se religioso, mas que é preciso sê-lo na boa acepção; que não se deve tirar uma consequência geral de um fato isolado. Temos a mesma opinião e lhe mandamos a resposta a respeito de suas imputações contra o Espiritismo, a propósito de pessoas que dele tomam apenas o nome.

Extratos da *Revista Francesa*

OS ESPÍRITOS E O ESPIRITISMO, PELO SR. FLAMMARION

Sob esse título, o Sr. Flammarion, autor da brochura sobre a *Pluralidade dos Mundos Habitados*, da qual demos notícia em nosso número de janeiro último, acaba de publicar na *Revista Francesa* do mês de fevereiro de 1863¹⁴ um artigo inicial muito interessante, cujo começo daremos a seguir. O trabalho, que lhe foi pedido pela direção do jornal – coletânea literária importante e muito divulgada – é uma exposição da história e dos princípios do Espiritismo. Sua dimensão quase lhe dá a importância de uma obra especial, pois o primeiro artigo tem vinte e três páginas grandes in-8º. Até certo ponto o autor julgou por bem fazer abstração de sua opinião pessoal sobre o assunto e ficar num terreno de certo modo neutro, limitando-se a uma exposição imparcial dos fatos, de maneira a deixar ao leitor completa liberdade de apreciação. Assim começa:

“Num século em que a metafísica caiu de seu alto pedestal e a idéia religiosa quis libertar-se de todo dogma e de todo

14 *Revista Francesa*, rue d'Amsterdam, 35. – 20 fr. por ano. – Cada número mensal de 120 páginas, 2 fr.

culto especial, em que a própria filosofia mudou seu modo de raciocinar para atrelar-se ao positivismo da ciência experimental, uma doutrina espiritualista veio oferecer-se aos homens e estes a receberam; ela lhes propôs um símbolo de crença e eles o adotaram; mostrou-lhes uma nova estrada que leva a regiões inexploradas e com esta via eles se comprometeram; e eis que essa doutrina, baseada nas manifestações dos seres invisíveis, elevou-se, apenas saída do berço, acima das afeições ordinárias da vida e se propagou universalmente entre os povos do antigo e do novo mundo. Que é, pois, esse sopro poderoso, sob cujo impulso tantas cabeças pensantes olharam o mesmo ponto do céu?

“Vã utopia ou ciência real, engodo fantástico ou verdade profunda, o acontecimento lá está aos nossos olhos e nos mostra o estandarte do Espiritismo ligando em seu redor grande número de campeões, contando hoje seus defensores aos milhões. E esse número prodigioso formou-se no reduzido espaço de dez anos.

“Temos, pois, um evento novo sob os olhos: é um fato incontestável. Ora, seja qual for, aliás, a frivolidade ou a importância de tal evento, não será inútil estudá-lo em si mesmo, a fim de saber se tem direito de nascimento entre os filhos do progresso, se sua marcha é paralela ao movimento das idéias progressistas ou se não tenderá, como pretendem alguns, a nos fazer retroceder para crenças antiquadas, indignas da nossa consideração.

“Para raciocinar sobre um assunto qualquer importa, antes de tudo, conhecê-lo bem, a fim de não nos expormos a apreciações errôneas. Assim, vamos examinar sucessivamente sobre quais *fatos* repousa o Espiritismo, sobre que base foi construída a teoria de seu ensino e em que consiste sumariamente essa ciência. Observemos que se trata aqui de *fatos* e não de sistemas especulativos, de opiniões arriscadas; porque, por mais maravilhosa que seja a questão que nos ocupa, nem por isso o

Espiritismo deixa de basear-se pura e simplesmente na observação dos fatos. Se assim não fosse, se não se tratasse senão de uma nova seita religiosa, de uma nova escola de filosofia, damos por certo que o acontecimento perderia muito de sua importância e que os homens sérios da época presente, na maioria discípulos do método baconiano, não teriam perdido tempo em examinar uma pura questão de teoria. Numerosas utopias se inscreveram no livro da fraqueza humana para que não se queira mais recolher sonhos proclamados diariamente, concebidos por cérebros exaltados.

“Ora, vamos francamente, e sem segunda intenção, abordar essa ciência doutrinária, da qual se disse muito bem e muito mal, talvez por não a haverem estudado suficientemente. Nesta exposição começaremos pela origem de sua história moderna – pois o Espiritismo tem sua história antiga – e daremos a conhecer os fenômenos sucessivos que o estabeleceram definitivamente. Seguindo a ordem natural das coisas, examinaremos o efeito, antes de remontar à causa.”

Segue o histórico das primeiras manifestações na América, sua introdução na Europa, sua conversão em doutrina filosófica.

Dissertações Espíritas

CARTÃO DE VISITA DO SR. JOBARD

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863

– Médiun: Sr. d'Ambel)

Hoje venho fazer minha visita de confraternização e, ao mesmo tempo, apresentar-vos um velho camarada de colégio, com que acabam de enriquecer-se as nossas legiões etéreas. Acolhei-o, pois, como um novo e zeloso partidário da verdade nova. Se em vida não foi um espírita autêntico, podemos afirmar que jamais se pronunciou abertamente contra as nossas crenças. Direi mesmo

que no âmago de sua consciência ele via no Espiritismo a salvaguarda de todas as religiões do futuro. Mais de uma vez em sua vida teve a indizível felicidade de sentir a iluminação interior que lhe mostrava o caminho da verdade, quando a incerteza estava a ponto de invadir sua alma. Assim, quando trocamos fraterno aperto de mãos apenas algumas horas atrás, disse-me ele com seu meigo sorriso: Amigo, tínheis razão.

Se ele não se prestou ao desenvolvimento de nossas idéias, é que a intuição mediúnica que nele agia lhe deu a entender que nem a hora nem o momento eram chegados, e que ele teria corrido perigo em fazê-lo no meio das graves complicações de seu ministério e entre um rebanho tão difícil de conduzir quanto o seu.

Hoje, que se acha liberto das preocupações da vida terrena, não poderia estar mais feliz por assistir a uma de vossas sessões; porque, desde muito tempo, ambicionava vir sentar-se em vosso meio. Muitas vezes teve vontade de visitar o nosso caro presidente, pelo qual nutria uma estima muito particular, apreciando o quanto seus livros e ensinamentos reconduziam as almas, se não para o seio da Igreja, ao menos à crença e ao respeito de Deus e à certeza da imortalidade. Devo, entretanto, dizer que quando fui visitá-lo, recebendo-me com a efusão de um antigo discípulo, tinha oposto ao meu zelo, talvez exagerado, de o converter, a famosa razão de Estado, ante a qual tive de me inclinar. Todavia, acompanhando-me, disse estas palavras simpáticas: *Si non é vero é ben trovato!*

Agora que veio juntar-se às nossas falanges e já não está retido pelos mesmos escrúpulos, faz votos pelo sucesso de nossa obra e encara com alegria o futuro que ela promete à Humanidade. Contempla com satisfação inefável a terra prometida às novas gerações, ou, antes, às velhas gerações que tanto lutaram, e prevê a hora abençoada em que seus sucessores empunharão resolutamente a nova bandeira da fé gálicana: o Espiritismo!

Meu caro presidente e meus bem-amados confrades: seja como for tive a honra de receber às portas da vida este venerável amigo e tenho orgulho de o apresentar ao vosso meio. Ele me encarrega de vos assegurar toda a sua simpatia e vos dizer que seguirá com muito interesse vossos trabalhos e estudos. À felicidade de ser o seu intérprete ao vosso lado, junto a de vos apresentar as felicitações de uma legião de grandes Espíritos que acompanham vossas sessões com assiduidade. Trago-vos, pois, em meu nome e no deles o tributo de nossa estima, formulando votos pelo sucesso da grande causa.

Vamos! em breve a Terra não contará mais entre os seus habitantes senão alguns raros humanímaes. Aperto a mão de Allan Kardec em nome de todos os vossos amigos de além-túmulo, em cujo número peço me conteis como um dos mais dedicados.

Jobard

**SEDE SEVEROS CONVOSCO E INDULGENTES
COM OS VOSSOS IRMÃOS**

(1ª Homília)

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863 – Médiun: Sr. d'Ambel)

É a primeira vez que venho entreter-me convosco, meus caros filhos. Gostaria de escolher outro médium, mais simpático aos sentimentos que foram o móvel de toda a minha vida terrena, e mais apto a me prestar um concurso religioso. Porém, como há muito tempo Santo Agostinho tomou conta do médium cujas matérias cerebrais teriam sido mais úteis para mim, e para o qual me sentia inclinado, dirijo-me a vós por este, de quem se servia meu excelente condiscípulo Jobard, para me apresentar à vossa sociedade filosófica. Terei, pois, muita dificuldade em expressar, hoje, o que vos quero dizer; primeiro, em razão da dificuldade que sinto em manipular a matéria mediana, pois ainda não tenho o hábito desta propriedade de meu ser desencarnado; depois, porque

devo fazer que minhas idéias jorrem de um cérebro que não as admite todas. Dito isto, vou abordar o assunto.

Um espirituoso corcunda da Antigüidade dizia que os homens de seu tempo carregavam um duplo alforje, em cujo compartimento traseiro estavam os próprios defeitos e imperfeições, enquanto o dianteiro recebia todos os defeitos alheios. É o que lembraria mais tarde o Evangelho, na alegoria da palha e da trave no olho. Oh! Deus! Oh! meus filhos! como seria bom se os sacos do alforje mudassem de lugar! Cabe aos espíritas sinceros operar esta modificação, levando à frente o saco que contém suas próprias imperfeições, a fim de que, olhando-as continuamente, consigam corrigir-se; e pôr de lado o que contém os defeitos alheios, de modo a não lhes ligar nem ciúme nem malícia. Ah! como será digno da doutrina que confessais e que deve regenerar a Humanidade ver seus adeptos sinceros e convictos agirem com essa caridade que proclamam e lhes ordena não mais verem a palha que incomoda o olho de seu irmão, mas, ao contrário, ocupar-se com ardor em se desembaraçar da trave que os cega. Ah! meus filhos, essa trave é formada pela reunião de vossas tendências egoístas, das vossas más inclinações e de vossas faltas acumuladas pelas quais tendes, até o presente, como todos os homens, professado uma tolerância paternal muito maior, enquanto que, na maior parte do tempo, só tivestes intolerância e severidade para com as fraquezas do próximo. Eu gostaria de vê-los de tal modo libertos dessa enfermidade moral do resto dos homens, ó meus caros espíritas, que vos exorto com todas as minhas forças a entrardes no caminho que vos indico. Bem sei que muitas de vossas tendências pecaminosas já se modificaram no sentido da verdade; mas ainda vejo tanta tibieza e tanta indecisão em vós para o bem absoluto, que a distância que vos separa do rebanho dos pecadores endurecidos e dos materialistas não é tão grande que a torrente não possa vos arrastar ainda. Ah! resta-vos uma rude etapa a percorrer para atingirdes a altura da santa e consoladora doutrina que os Espíritos meus irmãos já vos revelam há vários anos.

Na vida militante – graças sejam dadas ao Senhor – da qual acabo de sair, vi tantas mentiras se afirmarem como verdades, tantos vícios alardeados como virtudes, que sou feliz por haver deixado um meio, onde quase sempre a hipocrisia encobria com seu manto as tristezas e as misérias morais que me cercavam. E não posso senão vos felicitar por ver que vossas fileiras não se abrem facilmente para os sectários dessa hipocrisia mentirosa.

Meus amigos, jamais vos deixeis apanhar por palavras douradas. Vede e sondai os atos antes de abrir vossas fileiras aos que solicitam esta distinção, pois muitos falsos irmãos procurarão misturar-se convosco, a fim de levar a perturbação e, sorratamente, semear a divisão. Ordena minha consciência que vos esclareça, e o faço com toda a sinceridade de meu coração, sem me preocupar com ninguém. Estais advertidos; doravante agi como convém. Mas para terminar como comecei, peço-vos uma graça, meus caros filhos: que vos ocupeis seriamente convosco, expulsando do coração todos os germes impuros que a ele ainda possam estar presos; que vos reformeis pouco a pouco, mas sem descanso, segundo a sã moral espírita; enfim, que sejais tão severos para convosco quanto deveis ser indulgentes para com as fraquezas dos vossos irmãos.

Se esta primeira homilia deixa algo a desejar quanto à forma, não a imputeis senão à minha inexperiência da mediunidade. Farei melhor a próxima vez que me for permitido comunicar-me em vosso meio, onde agradeço ao meu amigo Jobard por me haver patrocinado. Adeus, meus filhos, eu vos abençôo.

François-Nicolas Madeleine

FESTA DE NATAL

(Sociedade Espírita de Tours, 24 de dezembro de 1862 – Médiun: Sr. N...)

Esta é a noite em que, no mundo cristão, se festeja a Natividade do Menino Jesus. Mas vós, meus irmãos, deveis

também vos alegrar e festejar o nascimento da nova Doutrina Espírita. Vê-la-eis crescer como esta criança; como ele, ela virá esclarecer os homens e mostrar-lhes o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem também a esta doutrina pedir o socorro que já não encontram nas idéias antigas. Não mais vos trarão incenso e mirra, mas se prosternarão de coração ante as idéias novas do Espiritismo. Já não vedes brilhar a estrela que os deve guiar? Coragem, pois, meus irmãos, coragem; em breve podereis, com o mundo inteiro, celebrar a grande festa da regeneração da Humanidade.

Meus irmãos, durante muito tempo encerrastes no coração o germe desta doutrina; mas eis que hoje ele se manifesta em plena luz com o apoio de um tutor solidamente plantado e não deixará que se verguem seus frágeis ramos. Com esse suporte providencial, crescerá dia a dia e tornar-se-á a árvore da criação divina. Dessa árvore colhereis frutos, não só para vós, mas para os vossos irmãos que tiverem fome e sede da fé sagrada. Oh! então apresentai-lhes esse fruto e gritai-lhes do fundo do coração: “Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso Espírito e alivia as nossas dores físicas e morais.”

Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levedar o primeiro germe; que esse germe cresceu e que já se tornou uma árvore capaz de dar frutos. Resta-vos algo a utilizar: são os galhos que podeis transplantar; antes, porém, vede se o terreno no qual confiais esse germe não oculta sob sua camada aparente algum verme roedor, que poderia devorar aquilo que o Mestre vos confiou.

Assinado: São Luís

Encerramento da Subscrição Ruanesa

Montante da lista publicada no número de março 2.722 fr. 05 c.

Sr. V. Fourier (Versalhes), 10 fr.; Sr. Lux (Dôle), 21,50 fr.; Sra. D... (Paris), 5 fr.; Sr. C. L... (Paris), 30 fr.; Sr. Blin, cap. (Marselha), 15 fr.; Sr. Derivis, pelo segundo grupo espírita de Albi, 16 fr.; Sr. Berger (Cahors), 2 fr.; Sr. Cuvier (Ambroise), 14 fr.; Sr. V... (Bayonne), 10 fr.; Sr. L. D... (Versalhes), 2 fr.; Sra. Borreau (Niort), 2 fr.; Sr. D... (Paris), 3 fr. 111 fr. 50 c.

Total 2.833 fr. 55 c.

Aos Leitores da *Revista*

De algum tempo para cá as circunstâncias nos forçaram a dar maior desenvolvimento aos artigos de fundo e restringir as comunicações espíritas, pela necessidade de certas refutações de atualidade. Em breve poderemos restabelecer o equilíbrio.

Tentamos assegurar em nosso jornal tanta variedade quanto possível, a fim de satisfazer a todos os gostos e um pouco a todas as pretensões, mas há coisas que são prioritárias. Sentimo-nos felizes por ver que somos geralmente compreendidos e que nos levam em conta as complicações de trabalho resultante da luta a sustentar e da extensão incessante da doutrina, estando no centro aonde chegam todas as ramificações e os inúmeros fios desse feixe que hoje abarca o mundo inteiro. Graças a Deus, nossos esforços são coroados de sucesso e, como compensação às nossas fadigas, não nos faltam as satisfações morais.

Allan Kardec